

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso

Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009

**CORPO E MÍDIA NA CONTEMPORANEIDADE: O QUE A ESCRITA
ADOLESCENTE PODE (RE)VELAR SOBRE ESSA RELAÇÃO?**

Rubens Prawucki

rubenspra@ig.com.br

Doutorando

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

1- Situando a discussão:

A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 1988, 2002), analiso os gestos de interpretação sobre a relação corpo e mídia presentes na escrita de alguns adolescentes estudantes do ensino médio - rede privada de ensino de Joinville/SC. Esta construção de sentidos na escrita foi motivada pela análise de uma peça publicitária que explora o corpo, extraída da mídia brasileira contemporânea (REVISTA UMA, 2006). Falar em construção de sentidos remete à investigação dos diferentes mecanismos de produção desses sentidos, os quais estão diretamente relacionados às contradições construídas histórica e ideologicamente na sociedade. Verifico como essas contradições materializam-se na escrita dos adolescentes, fazendo dessa escrita uma espessura material opaca, marcada por diferentes deslizamentos de sentido, equívocos, ambiguidades, lapsos, atos falhos e mal-entendidos. É importante mencionar que os aspectos acima são analisados como constitutivos da linguagem, uma vez que para a Análise de Discurso Francesa, o registro do real se incorpora nos registros do simbólico e do imaginário, fazendo falhar a vontade de unidade e de transparência dos sujeitos na linguagem. De acordo com Leandro Ferreira (2005), o real relaciona-se diretamente à falta que é constitutiva do sujeito, falta essa que move o seu desejo, sendo em torno desta falta que o inconsciente se estrutura. Ainda segundo Leandro Ferreira (2004), o conceito de inconsciente remete a um estranho que nos é familiar, ou seja, um estranho que provém de algo familiar que foi reprimido e que insiste em retornar. Esse retorno (re)vela-se na língua através de diferentes faltas e falhas, indicando que ambos, sujeito e língua,

são marcados pela incompletude. Sendo assim, esta análise promove uma escuta discursiva de como o desejo de completude na linguagem dos sujeitos adolescentes falha, fazendo com que a escrita seja marcada por cicatrizes reveladoras do movimento das estruturas inconscientes desses sujeitos (RICKES, 2002). Neste estudo, concebo a adolescência como sendo essencialmente marcada por um trabalho psíquico de transição em que a definição de limites entre os lugares – infantil-adulto, casa-rua, dependência-independência, família-social – torna-se questão norteadora para o sujeito, uma vez que o sujeito adolescente é convocado por esse social a fazer laço (COSTA, 2004). Já o corpo, neste estudo, é explicado, classificado e tratado como uma construção que se dá na e pela linguagem, logo, como uma construção discursiva que ocorre muitas vezes a partir de um olhar naturalista (GOELLNER, 2003). Esse olhar naturalista é (re)forçado pela mídia que frequentemente assume um caráter pedagógico ao lidar com questões relacionadas ao corpo, pretendendo ensinar certos jeitos de se comportar, de se vestir, de andar e de ser, constituindo-se aí, de acordo com Foucault (1992), uma tecnologia política do corpo, ou seja, um saber sobre o corpo voltado ao seu controle, ao seu gerenciamento. Esse saber, muitas vezes veiculado pela mídia como verdadeiro e inquestionável, não possibilita que o sujeito simbolize o seu desejo, a sua falta, pois a linguagem, neste caso, é essencialmente marcada pelo excesso – de imagens, dicas, instruções, promessas – de um corpo ideal.

Tendo em mente as questões acima discutidas, as seguintes perguntas têm norteadado este estudo: 1- Como são construídos, na escrita dos adolescentes, os diferentes equívocos, mal entendidos, lapsos, atos falhos, ambiguidades e deslizamentos de sentido quando são abordadas questões sobre a relação corpo e mídia? 2- Como os registros psíquicos desses sujeitos adolescentes – real, simbólico e imaginário – permeiam os efeitos de sentidos sobre a relação corpo e mídia materializados na escrita? 3- O que esses efeitos de sentidos podem (re)velar sobre a posição-sujeito desses adolescentes frente aos sentidos de corpo construídos e veiculados pela mídia?

2- A Análise de discurso francesa e seu olhar para a linguagem:

O conceito de linguagem que defendo neste estudo remete às discussões desenvolvidas pela Escola Francesa de Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1988, 2002). Falar em linguagem nessa perspectiva, implica olhar profundamente para as muitas maneiras de se significar. Assim, o discurso é o foco deste olhar, uma vez que olhando para o discurso, percebem-se os sentidos movimentando-se entre sujeitos. Daí, decorre o conceito de discurso como sendo “efeitos de sentidos entre locutores” (PÊCHEUX, 1969). Filio-me a Orlandi (1996), quando afirma que essa vertente da análise de discurso caracteriza-se como um saber transdisciplinar e de entremeio, uma vez que transita entre diferentes disciplinas – linguística, história e psicanálise – para delas ressignificar conceitos.

Para Pêcheux (1969), como aspectos constitutivos dos processos discursivos, encontram-se “as condições de produção que envolvem os protagonistas e seus lugares de

produção” (p.16). Assim, inscrevo-me na perspectiva teórica de Indursky (1997, p.22), quando afirma que “interlocutores, situação, contexto histórico-social, juntamente com a superfície linguística, participam do objeto do discurso e fazem de seu processo de significação”. Aqui, vejo como revelante a discussão dos conceitos de organização e de ordem na língua. Para Orlandi (1996), os aspectos da língua que interessam à análise de discurso francesa, não remetem à organização ou à função desta língua, ou seja, “a questões que envolvem suas regras enquanto sistema, nem à separação estanque entre forma e conteúdo” (p.46), mas sim, a aspectos relacionados à ordem desta língua, ou seja, ao seu funcionamento. Por funcionamento, Orlandi (ibidem) entende a preocupação com “o sentido (não como conteúdo), pela história (não como contexto) e pelo sujeito (não como a origem de si)” (p.49). Ainda para Orlandi (ibidem), falar em sentido na perspectiva da ordem, “é analisar os diferentes mecanismos da produção destes sentidos” (p.46) os quais estão diretamente relacionados às diferentes contradições construídas histórica e ideologicamente. Estas contradições, ao materializarem-se na língua, fazem desta língua uma espessura material opaca, marcada por equívocos e ambiguidades (LEANDRO FERREIRA, 1996), ou nas palavras de Mariani (2006), uma estrutura significante sujeito à falha. Para Leandro Ferreira (1996), esta materialidade não transparente atravessada por “deslizamentos de sentidos, lapsos, mal-entendidos, ambiguidades, não são parasitas da comunicação, ou ruídos sobre um fundo informativo claro, mas fazem parte integrante da atividade de linguagem” (p.41).

A análise de discurso francesa a partir de Pêcheux (1988), ressignifica o conceito de ideologia, ao situar o discurso como a sua materialidade, ou segundo Orlandi (1996), a ideologia passa, para esta vertente da análise de discurso, a ser definida “pelo processo histórico-discursivo, portanto, enquanto linguagem” (p. 145-146). Assim, percebo a ideologia nesta perspectiva de discurso, não como um olhar para o mundo a partir de duas realidades uma ideológica, negativa, contaminada, construída pela classe dominante, esperando para ser desvelada, e uma outra realidade positiva, higienizada e harmônica, constituída pela classe dominada. Percebo a ideologia sim, como um olhar para o mundo enquanto espaço ideológico no qual sujeitos dialogam sentidos, não em um diálogo inocente e ingênuo, mas sempre querendo levar o sentido para algum lugar: lugar da cristalização, da naturalização, da obviedade, do sentido-lá (PÊCHEUX, 1988). Para reforçar esse conceito de ideologia, trago as palavras de Orlandi (1999), para quem o trabalho da ideologia “é produzir (1) a evidência de sentido, apagando seu caráter histórico e (2) a evidência do sujeito, apagando as interpelações que lhe são constitutivas” (p.46). Assim, a ideologia para a perspectiva discursiva movimenta-se na tentativa do apagamento da constituição sócio-histórica da linguagem e do sujeito, tentando imprimir aí, um caráter de naturalidade e de neutralidade.

Já o conceito de sujeito que interessa para a análise de discurso francesa é um sujeito posicionado no mundo ideológico, ou seja, um sujeito interpelado pela ideologia e não tendo

total autonomia no seu dizer. Nas palavras de Orlandi (1996), este é um sujeito que ao mesmo tempo em que “determina o que diz, é determinado pela exterioridade nas sua relação com os sentidos” (p.50). No entanto, este assujeitamento, esta interpelação ideológica que, nas palavras de Indursky (2000), remetem a um sujeito fragmentado e disperso, não são percebidas claramente pelo sujeito. Aí, tem-se a ilusão “de ser a origem do que diz, quando, na realidade, retoma sentidos pré-existentes” – esquecimento nº 1 do sujeito (ORLANDI, 1999, p.35). Também, este sujeito tem a ilusão de que o que diz, somente pode ser dito daquela maneira, remetendo este dizer a um único sentido – esquecimento nº 2 do sujeito. A partir dessas características, o sujeito da análise de discurso francesa constitui-se como “um sujeito significativo, histórico, que se define como ‘posição’ e que se reproduz entre diferentes discursos” (ORLANDI, 1996, p.49). Desta forma, esse sujeito é sempre marcado pela contradição, conflito, lapso, ato falho, ambiguidade, equívoco, deslizamento de sentido e mal entendido (LEANDRO FERREIRA, 1996), evidenciando-se aí, além de sua constituição histórica, também sua natureza psicanalítica, ou seja, o seu atravessamento pelo inconsciente. Logo, posso afirmar que o sujeito discursivo é sempre constituído tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente na sua relação com os gestos de interpretação.

3- Apresentando os procedimentos metodológicos e promovendo uma escuta discursiva da escrita de dois adolescentes:

A metodologia sinaliza o caminho percorrido pelo pesquisador para que ele possa estabelecer um constante diálogo com os objetivos e com as perguntas de pesquisa propostas para o seu estudo. Nesse sentido, o caminho metodológico para esta pesquisa envolveu a escolha do tema a ser desenvolvido: relações entre corpo-mídia – adolescência – escrita. Em seguida, delimito esse tema, elegendo uma peça publicitária que explorasse o corpo, extraída da Revista Uma (2006) e solicitando para que um grupo de 22 adolescentes, reagissem, na escrita, ao seguinte enunciado: “Propagandas provocam diferentes interpretações em seus leitores. Quais as primeiras interpretações que lhe ocorrem como leitor(a) da propaganda abaixo, extraída da Revista Uma (nº 72 / 2006)?”



A partir de agora, passo a discutir duas sequências discursivas extraídas da escrita de dois adolescentes (sic):

A: “(...) (1) **A população** ultimamente está fazendo uma (2) **corrida apressada** atrás da magreza, pois muitos acham que ela será o auge da saúde e o melhor estilo de vida, (3) **uma prova contra isso** é a (4) **anorexia e a bulimia** (...)” (feminino – 14 anos)

(1) – Um primeiro questionamento que faço é quem faz parte da ‘população’ mencionada pela adolescente? Não é possível identificar se a adolescente sente-se incluída ou excluída dessa ‘população’, existindo aqui, uma indefinição do lugar ocupado pela adolescente na sociedade.

(2) – Existe uma caracterização do tipo de corrida através do adjetivo ‘apressada’, indicando quase uma competição que terá como prêmio a ‘magreza’. (3)-(4) – A adolescente utiliza a preposição ‘contra’ para reforçar a idéia contrária ao prêmio obtido. É como se a adolescente dissesse que a vitória representada pela magreza trará como prêmios a anorexia e a bulimia. Estas colocações da adolescente levantam as seguintes reflexões: Que tipo de prêmio é esse – positivo ou negativo? Existem premiações negativas? Será que vale a pena consegui-las?

B: “A propaganda que podemos observar é que ganhar peso, (1) **engordar** é a pior coisa do mundo, pelo menos (2) para a mídia **mediocre** que temos, e todos tem que estar no peso que a (3) **"ditadura da beleza"** explora, muitas vezes pessoas, (4) **principalmente do sexo feminino** deixa se levar por essa "ditadura",

muitas vezes até apelando hoje em dia muitas (5) modelos estão com a (5) famosa doença anorexia (...)." (masculino – 15 anos)

1) – Uma possível insatisfação com a expressão empregada ‘ganhar peso’, faz com que o adolescente utilize logo em seguida, o verbo ‘engordar’. É como se ‘engordar’ tivesse um sentido de maior completude e precisão do que ‘ganhar peso’. (2) – Aqui, o adolescente atribui culpabilidade à mídia pela situação atual que enfrentamos em relação à busca do peso ideal. Para isso, utiliza o adjetivo ‘mediocre’ para classificá-la. (3) – As aspas podem ter sido utilizadas uma vez que o adolescente faz menção a uma forma de governo ‘a ditadura’ para lidar com a questão da beleza. (4) – O adolescente situa o feminino em um *locus* potencializado diante das peças publicitárias que exploram o corpo. (5) – Existe aqui, um deslocamento do adjetivo ‘famoso’ – de ‘famosas modelos’ para ‘famosa doença’. Com esta qualificação, o adolescente, inconscientemente, atribui maior valor à doença do que às modelos.

4- Algumas reflexões temporárias:

Este estudo vem revelando como um grupo de adolescentes constrói paisagens psicossociais na escrita em relação à mídia que expõe o corpo a serviço de uma cultura capitalista pautada pelo efêmero e pelo imediato, caracterizando esse corpo como porta-voz de formas e não de conteúdos. Trata-se de um corpo (re)construído à base de cirurgias plásticas, de implantes de substâncias químicas e de ‘medidas ideais’ que buscam incessantemente apagar nesse corpo, as marcas das ‘medidas reais’, inscrevendo na forma física os sinais da ‘corpolaria’ – idolatria à forma física. (FONTES, 2007). É importante reforçar que neste estudo, a escuta da escrita dos adolescentes tem envolvido as questões teóricas referentes à Análise de Discurso Francesa (PÊCHEUX, 1988, 2002), que vê o indissociável imbricamento entre língua-sujeito-ideologia como condição *sine qua non* no olhar para a linguagem.

5- Bibliografia:

- COSTA, A. & BACKES, C. et al. (org.). Adolescência e experiências de borda. Porto Alegre: Ed. da Ufrgs, 2004.
- FONTES, M. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO, E. S. & GOELLNER, S. V. (org.). Corpos mutantes – ensaios sobre novas (d)eficiências corporais. Porto Alegre: Ed. da Ufrgs, 2007.
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Petrópolis: Vozes, 1992.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOPES LOURO, G. & NECKEL, J. et al. (org.). Corpo, gênero e sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2003.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em análise do discurso. In: INDURSKY, F. & CAMPOS, M do C. (org.). Discurso, memória, identidade. Ensaios 15. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 70-81.

LEANDRO FERREIRA, M. C. A língua da análise do discurso: esse estranho objeto de desejo. In: INDURSKY, F. & LEANDRO FERREIRA, M. C.(org.). Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005.

MARIANI, B. (org.). A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006.

ORLANDI, E. Análise do discurso – princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. O discurso – estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

RICKES, S. A escritura como cicatriz. In: Educação e realidade. Porto Alegre: Ed. da Ufrgs, n. 27(1), 2002, p. 51-71.